

OS PÉS, AS MÃOS E O MAR

Em toda a obra de Gustavo Fernandes respira-se a poésis do silêncio e a nudez solitária da imagem estática, eloquentemente paralisadas na dimensão do imenso intemporal que a eternidade romântica estabelece!

Estamos em presença duma assunção formal, identificável com a semântica do surrealismo essencial, construída sobre um desenho estrutural de pendor op-graphic. Nas obras aqui reproduzidas, vestigia-se uma dialéctica pop, flagrantemente associada ao hiper-realismo anglo-saxónico, filtrada pela meditação do romantismo quimérico. Implicam-se-lhe atmosferas de sortilégio literário afecta à science fiction, de antecipação utópica e inspiração ecossistémica.

Os pés, as mãos e o mar, são tomados em acepções singulares e revelam uma apreensão profunda, onde se manifesta o pensamento crítico e o sentimento inconformista do autor, eivados de preocupações míticas, que se radicam num onirismo mágico exacerbado, peculiar em todas as suas proposituras visionárias e nas diferentes temáticas que sucessivamente aborda:

o Mar e o paisagismo das marinhas (raramente invadido por uma única ou escassas personagens) afirma-se, na sua obra, como símbolo do poder inadjectivável da energia anónima - do Oculto - sob o Império da Água.

HOMEM, ARTE E ARTEFACTOS

Gustavo Fernandes é um cultor de estilo, no plano bem definido da noção construtiva duma linguagem plástica não ociosa.

Produtor compulsivo de objectos de arte meticulosamente elaborados, é um fazedor de belos artefactos, saturados de mensagens encriptadas, na visibilidade espacial íntima da figuração hiper-naturalista.

O Homem produz artefactos - ferramentas, jóias e armas, primeiro, vestuário e locomóveis, depois - que negocia e troca com outros bípedes, seus supostos semelhantes.

...o Homem oferece, porém, a sua generosidade a Tudo quanto considere ser-lhe superior e - como o Amor - atrai, perversamente, os seus afectos.

Individual e pseudo-colectivamente, o Homem actua como ser reinante e independente e imagina-se possuidor de algo - exclusivamente seu - num universo que afinal não gere nem controla, não conhece e, porventura, nunca intuiu, com lucidez.

A admirável sabedoria do Homem é um conceito abstracto que o artista ambiciona converter, a título permanente, na simplicidade de um substantivo masculino e singular,

absurdamente conjugável, no presente do indicativo, como se - ele próprio - fosse o Verbo.

METAMORPHOSYS: MUTATIS MUTANDIS

Para além da peculiar e empolgante monumentalidade pictórica e da aturada maestria técnica, assumem-se e patenteiam-se, claramente, nos quadros de Gustavo Fernandes, alguns valores iniciáticos recolhidos da simbologia surrealista, conquanto lhe não jure fidelidade incondicional, ou exclusiva.

A marcante influência estética do hiper-realismo - a que, formalmente, a exploração dos seus temas gradualmente mais se fidelizou - não dilui, antes nitidifica e exacerba, porém, a carga essencial da figuração metamórfica, trans-humana e simbolista, do seu mundo pictural.

Difícilmente pode ser-se indiferente à magia fascinante - virtualmente espectacular - da visão imponente que as suas obras projectam, de um microcosmos sortílego, quase sacro-divino, quase inumano, onde o Homem - desurbanizado e subliminarmente sexuado - se diferencia, nem sempre se distinguindo, dos restantes animais de porte com que coabita e, conjugado no feminino, se confunde, no planeta azul.

...se a árvore, o ovo, o livro, exorcizam os fantasmas oníricos de muitas mutações oblíquas, a seminudez no feminino, erótica, transversal e orgiaca, marca a postura do pintor no quadro da desordem amorosa contemporânea, fabricando cúmulo de alucinação mística que desenterra e ressuscitam princesas e rainhas, deusas, fadas e feiticeiras, presas eternas dos bruxedos insuperáveis do seu imaginário fantástico.

NATURA | CONTRANATURA

Gustavo Fernandes concebe os seus quadros utilizando mecanismos automáticos da lógica do individual, aleatoriamente associados a um suposto subconsciente do colectivo.

Sublima registos associativos, mais ou menos efémeros, do presente. Projecta-os sobre o anonimato factual de memórias vívidas em espaços intemporais - vago-latentes e imprecisos - no Tempo a-histórico duma humanidade que, progressivamente, se autodescomprometeu da ditadura de sucessivos deuses e demónios mal inventados, outorgantes de incríveis pactos teocráticos, no controlo terrestre e no domínio espiritual da exploração lunar, envolvidos na criação do sol e do resto do seu sistema planetário - à vista desarmada - da estrela dos rei-magos

...e da estrada de santiago!

Um universo inteiro, indiscretamente roubado ao saco dos segredos de todas as bíblias e das lendas misteriosas, que sufocam de medos e cercam de fantasmas, as almas infantis. Os temas simbólicos e alegóricos que persegue culminam na ambiguidade da imagem figurativa paradoxal:

o animal, no lugar do homem, as pessoas no lugar dos bichos.

São suportados por uma singularíssima representação projectiva da compreensão crítica - marginal e dinâmica - dos distúrbios do humanitarismo contemporâneo, pairando à beira de profundos abismos científicos, indiferentes às fronteiras do caos passional e das interrogações poéticas, confundidos pela heterogeneidade do pensamento e da sensibilidade filosófica, hesitante ou radical, dos nossos dias.

IMPÉRIO DO TEMPO: ESPAÇO-MATÉRIA

A linguagem visionária que Gustavo Fernandes estabelece, entre o enigmático e algumas escalas da evidência figurativa, reproduz-se em leituras múltiplas e propõe a diversidade de inúmeras interrogações.

O seu discurso pictural atrai-nos para o hiperespaço dum mundo virtual, subjuga-nos, e intima-nos à ignorância das agendas do quotidianas, impelindo-nos para atmosferas, tranquilas ou inquietantes de «outra realidade», no exterior do calendário e dos relógios do tempo convencional.

Aí se vislumbra a exactidão dum Tempo biocósmico suposto, onde o Tudo e o Nada se escrevem com imagens vindas do silêncio, portadoras da eloquência triunfal, da filosofia perdida, de «verdades absolutas, que dispensam explicações eruditas e não carecem de qualquer justificação, prática ou teórica, fora de si mesma

...um discurso pictural que, sistematicamente, afirma a coerência na diversidade, em toda a sua obra.

ANTE-PASSADOS & FÓSSEIS DO FUTURO

...não poderia ignorar-se a anterioridade histórica que - técnica e esteticamente - suporta o estádio actual da obra de Gustavo Fernandes.

Tal omissão constituiria uma grave lacuna, aqui insuficientemente preenchida por escassas imagens, seleccionadas de algumas centenas de peças (desenhos p/b e a cores, aguarelas, gouâches e telas, até meados dos anos noventa) pouco conhecidas, exemplares particularmente significativos das fases primordiais em que se filia a maturidade, hoje atingida e vestigiam a origem do seu vocabulário pictórico.

No processo acrónico da sua criatividade, há um discurso, (só) aparentemente interrompido, que denuncia a existência dum linha evolutiva, muito nítida e, além de credibilizar o seu percurso, define algumas coordenadas demiúrgicas da sua origem.

São paisagens visitadas, sem regresso, figuras intactas suspensas de nada, tendo por cenário a visão ciclópica do Tempo, insólitas personagens (in)animadas, que o pintor surpreende em close-ups fugitivos, imiscuindo-se - em secretas cumplicidades - com fantasmas dum Presente déjà vu, ou dum (hoje) Passado (então)premonitório,

que, simultaneamente, intui o Futuro, entre o pânico e a materialização paradisíaca das asas do sonho ...de voar no cosmos, de mãos-dadas, com a angelical imortalidade, do Andrógino.